



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, n. 1 (2022).

ARTIGO ORIGINAL

DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n1p131-144

**Utilização de medicamentos genéricos em Portugal:
conhecimento de doentes, médicos e farmacêuticos**

**Use of generic drugs in Portugal: perceptions and attitudes by patients, physicians
and pharmaceuticals**

Alexandre Morais Nunes

Doutor em Administração da Saúde (Universidade de Lisboa | ISCSP).

Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa.

ORCID: 0000-0002-6808-7769

Resumo:

O medicamento genérico tem uma maior importância na promoção da sustentabilidade dos sistemas de saúde. O presente estudo pretende analisar o conhecimento relativo à dispensa de medicamento genérico e sua substituição na perspectiva do utente (consumidor), médico (prescritor) e farmacêuticos (agentes que dispensam e recomendam a substituição). Como método foram aplicados três questionários foram elaborados (um para utentes, outro para médicos e outro para farmacêuticos). Os resultados foram analisados por modelos de análise estatística realizadas com recurso ao SPSS versão 26.0. Assim se verificou que todos os 300 utentes entrevistados conheciam ou já tinham ouvido falar em medicamentos genéricos apresentando um entendimento correto associado ao seu nível de escolaridade e influenciado pelo médico e farmacêutico. Por seu lado, 85% médicos entrevistados confirmam que têm promovido o medicamento genérico juntos dos seus utentes e 90% dos farmacêuticos referiram que recomendam a substituição de medicamentos de marca por genéricos. Concluiu-se assim que embora a quota de medicamentos genéricos tenha crescido em período de austeridade, é ainda necessário divulgar mais a informação incentivando a opção e a adesão terapêutica dos utentes aos medicamentos genéricos.

Palavras-chave: Medicamento; genéricos; conhecimento.

Abstract:

The generic drugs is of greater importance in promoting the sustainability of health systems. The present study intends to identify the attitudes and perception regarding the dispensing of generic medication and its substitution from the perspective of the user (consumer), physician (prescribed) and pharmacists (agents who dispense and recommend substitution). As a method, three questionnaires were applied (one for users, another for doctors and another for pharmacists). The results were analyzed using statistical analysis models performed using SPSS version 26.0. Thus, it was found that all 300 users interviewed knew or had heard of generic drugs, presenting a correct understanding associated with their level of education and influenced by the doctor and pharmacist. In turn, 85% of doctors interviewed confirm that they have promoted the generic drug to their users and 90% of pharmacists said they recommend replacing branded drugs with generics. It was concluded that although the share of generic drugs has grown in a period of austerity, it is still necessary to disseminate more information encouraging the option and therapeutic adherence of users to generic drugs.

Keywords: medication; generics drugs; sustainability

Introdução

Os medicamentos genéricos são medicamento que têm a mesma substância ativa, forma farmacêutica, dosagem e indicação terapêutica que o medicamento original de referência¹, que podem entrar no mercado após o vencimento das patentes e sempre desde que a bioequivalência para a molécula seja confirmada².

O recurso a medicamentos genéricos é internacionalmente aceite pela elevada evidência de qualidade e segurança para os utentes^{3,4}. Além dos resultados positivos de eficácia que estes medicamentos têm no utilizador, eles proporcionam ainda um conjunto de vantagens para os sistemas de saúde e economia das finanças públicas (no caso dos países com Estado Social) contribuindo, pelo seu reduzido custo para gerar poupanças para os utentes e Estado⁵.

O reduzido preço de comercialização quando comparado com os medicamentos de marca é um dos fatores destacados pela OMS⁶ que poderá contribuir para a sustentabilidade. Estas foram as conclusões de um estudo realizado pela OMS⁶ que ao comparar 17 países concluiu que a utilização de medicamentos genéricos (em substituição) de medicamentos de marca, permitiu uma redução de custo de aproximadamente de 60% para os utentes.

No caso Português os primeiros passos para a promoção do medicamento genérico foram dados em 1990 com a publicação do Estatuto do Medicamento⁷. Este documento regulamentou a produção e distribuição no mercado nacional território e apresentou claramente benefícios destes medicamentos e determinou que as prescrições fossem realizadas segundo a denominação comum internacional (DCI) das substâncias ativas. Contudo, a obrigatoriedade desta medida apenas surgiu no ano 2012 e por imposição do Memorando de Entendimento⁸ assinado entre Portugal, Comissão Europeia, Fundo Monetário Internacional e Banco Central Europeu em pleno período de crise económica motivado pelo crescimento explosivo da dívida soberana pública.

Porém, em Portugal, no ano 2010 antes do período de intervenção externa, a despesa corrente em saúde cresceu 1,6% face a 2000, atingindo os 17 534,7 milhões de euros, correspondendo a 10,2% do Produto Interno Bruto (PIB) e a uma despesa *per capita* de 1 648,41 euros, com taxa de crescimento superior à do PIB. Nesta despesa global, a despesa total com produtos farmacêuticos representava 27,5% do total da despesa corrente em saúde¹⁰, uma das maiores participações na União Europeia.

Após a intervenção externa, em 2014 e 2015, à semelhança do que sucede desde 2010, a despesa corrente em saúde continuou a registar taxas de variação nominais inferiores às do PIB. Em 2014, este agregado registou uma taxa de crescimento nominal de 0,7%, tendo o PIB aumentado 1,9%. Para 2015

estima-se que a despesa corrente em saúde tenha aumentado 2,0% em valor, enquanto o PIB cresceu 3,4%, traduzindo um peso da despesa corrente no PIB de 8,9%, o mais baixo desde 2003¹⁰. Nesta despesa global, a despesa total com produtos farmacêuticos representava 23,% do total de despesas com saúde¹⁰.

Para a redução na despesa com o medicamento no âmbito do Programa de Austeridade (Portugal foi obrigado a reduzir despesas de saúde em 550 e 375 milhões de euros em 2012 e 2013), as medidas incidiram na promoção do medicamento genérico, onde se destacaram as seguintes:

- i) Definir o preço máximo do primeiro genérico introduzido no mercado em 60% do produto de marca com substância ativa semelhante.
- ii) Remover todas as barreiras efetivas à entrada de medicamentos genéricos, em particular reduzindo os obstáculos administrativos / jurídicos a fim de acelerar o reembolso do uso de genéricos e induzir médicos em todos os níveis do sistema, público e privado, a prescrever medicamentos genéricos e o produto de marca disponível menos caro
- iii) Induzir os médicos em todos os níveis do sistema, público e privado, a prescrever medicamentos genéricos e o produto de marca mais barato.
- iv) Tornar a prescrição eletrônica de medicamentos e diagnósticos cobertos por reembolso público totalmente obrigatória para médicos dos setores público e privado.
- v) Estabelecer regras claras para a prescrição de medicamentos (diretrizes de prescrição para médicos) com base nas diretrizes internacionais de prescrição.
- vi) Melhorar o sistema de monitoramento de prescrição de medicamentos e diagnóstico e implementar uma avaliação sistemática por médico individual em termos de volume e valor, em relação às diretrizes de prescrição e pares⁸.

Nas alterações legislativas ocorridas por imposição do memorando de entendimento, as farmácias, no ato da dispensa, ficaram obrigadas a informar o utente da existência de medicamentos genéricos com a mesma substância ativa, forma farmacêutica, apresentação e dosagem e a terem disponível pelo menos três entre os cinco medicamentos de menor custo, passando o utente, com as devidas exceções, a exercer o seu direito de opção¹¹.

Como resultados observou-se um crescimento da quota de mercado e de valor do medicamento genérico que tem continuado a crescer desde o fim do período de austeridade até ao ano 2018 (cerca de 48%), muito aquém dos objetivos previstos no memorando de entendimento (60% em volume de mercado em ambulatório).

Vinte anos após a publicação do Estatuto do Medicamento (que previa a prescrição de medicamentos genéricos), a quota de mercado ambulatório em termos de volume era apenas de 31,3%.

Segundo Quintal e Mendes¹³ diversos fatores podem ter contribuído para este lento crescimento em 20 anos dada a complexidade do mercado farmacêutico e suas particularidades em Portugal, destacando um conjunto de fatores relacionados com a procura: i) percepção dos utentes (muitos utentes não tem conhecimento suficiente para fazer a sua escolha optando por medicamento de marca pensando que esses eram melhores); ii) opinião do médico (muitos médicos decidiam em nome do utente e optavam por prescrever medicamentos de marca); iii) questões de risco moral (utentes dispostos a adquirir medicamentos de marca (mais caros) pois na grande maioria dos casos em Portugal há uma elevada comparticipação); iv) questão comportamental (o utente tem expectativa que cada vez que visita o médico tem de trazer uma prescrição); v) aconselhamento nas farmácias (por vezes havia interesse em dispensar medicamentos mais caros mesmos existindo alternativas – margens da industria). Porém do lado da oferta apesar existe o peso a regulação do mercado que segundo os autores¹³ pode determinar: i)preços e lucro; ii) taxa de retorno; iii) reembolsos; iv) políticas de barreiras à entrada de novos genéricos¹³.

Embora permitida desde o ano 2000 (Lei n.º 14/2000, de 08 de agosto) a substituição de medicamentos de marca por genéricos na farmácia por opção do utente ficando farmacêuticos obrigados a informar pacientes sobre medicamentos alternativos são mais baratos. Contudo, ainda sob prévia autorização do médico prescritor, cuja autorização deixou de ser necessária no ano 2012 com a publicação da nova lei do medicamento (Lei nº 11/2012, de 8 de março) passando a ser unicamente por opção do utente, mantendo o farmacêutico um papel ativo e preponderante no aconselhamento.

Portanto, todas as reformas no setor do medicamento na verdade implementadas no ano 2011/2012 por imposição da troika que mexeram com a opção do doente, com os preços de referência e com a eliminação de barreiras à entrada de novos produtos tornou-se de alguma forma complexa não apenas pelas medidas em si, mas pelo facto de envolver vários agentes o que por si pode mesmo ser uma barreira e estar na origem do bloqueio a melhores resultados. Segundo a OMS⁶ a percepção sobre o conceito, eficácia e segurança dos medicamentos genéricos tanto de utentes como de profissionais é um fator base para a subutilização dos mesmos.

O presente artigo teve como objetivos: i) avaliar o grau de conhecimento dos utentes relativamente ao medicamento genérico e sua utilização; ii) analisar o conhecimento dos médicos relativos ao processo de prescrição;; iii) avaliar o conhecimento dos farmacêuticos relativamente ao processo de dispensa do medicamento genérico.

Materiais e Métodos

Para a colheita de dados do presente estudo foram aplicados três questionários a uma amostra intencional: i) a 250 utentes do serviço nacional de saúde (50 utentes por região de saúde); ii) a 100 médicos prescritores nos cuidados de saúde primários do Serviço Nacional de Saúde (20 por região de saúde); iii) a 100 farmacêuticos e técnicos de farmácia que trabalham em farmácias comunitárias (20 por região de saúde).

Os questionários foram baseados nos estudos de em estudos Quintal e Mendes¹³ e de Chong et al.¹⁴, adaptados à realidade atual contexto português e ainda tendo sido introduzida como novidade o inquérito aos médicos:

- a) O questionário aplicado aos utentes foi constituído por duas partes: i) caracterização dos entrevistados (idade, género, nível de educação, rendimento familiar); ii) conhecimento de medicamentos genéricos e experiência com o processo de substituição (por recomendação do farmacêutico). Esta segunda parte incluiu uma lista de perguntas fechadas de resposta direta de forma a apurar: i) a percepção sobre o conceito de medicamento genérico (quanto à eficácia, equivalência e preço); o esclarecimento dado pelo médico relativamente à segurança e qualidade do medicamento genérico quando comparado com os de marca, incentivando ao seu uso e substituição; iii) a justificação dada para a substituição do medicamento prescrito na farmácia; iv) a aceitação da substituição por indicação do médico, do farmacêutico ou de ambos;
- b) O questionário aplicado aos médicos foi construído por base em duas partes; i) caracterização dos entrevistados (idade, género, anos de prática); ii) percepção sobre o conhecimento dos utentes; iii) concordância sobre a substituição em farmácia; atitudes e fatores que poderão promover a utilização de medicamentos genéricos. Na segunda parte pretendeu-se apurar na opinião dos médicos a literacia existente nos utentes e a necessidade de mais e melhor informação e ainda apurar a sua opinião e ações no momento da sua prescrição
- c) O questionário aplicado aos farmacêuticos/técnicos de farmácia consistia em duas partes: i) caracterização dos entrevistados (idade, género, categoria profissional); ii) percepção sobre o conhecimento dos utentes; iii) procedimento habitual no local de trabalho;

Os questionários foram aplicados entre os meses de janeiro a junho de 2018 na região de Lisboa e Vale do Tejo. Optou-se por excluir utentes, médicos e farmacêuticos com idade inferior a 30 anos pelo facto de se pretender uma amostra que tenha acompanhado a evolução do mercado de genéricos e excluíram-se os utentes cujas prescrições resultam de consultas não presenciais e relacionadas com medicação de uso prolongado. Todos os inquiridos aceitaram participar na entrevista

A caracterização de cada grupo de entrevistados foi realizada com recurso à seleção com uma (x) no campo pré construído e para as questões aplicadas com resposta direta (Sim | Não) (Tabela 1).

Resultados

A tabela 2 apresenta os dados referentes às principais características da população inquirida no presente estudo.

Do grupo dos utentes entrevistados, apenas 62,0% entendiam corretamente o conceito de medicamento genérico equiparando-os aos de marca relativamente à eficácia, segurança e qualidade (tabela 2). Em oposição a maioria dos médicos (57%) e dos farmacêuticos e técnicos de farmácia (61%) consideram que os utentes estão mal informados. 62% dos médicos referem que há margem para os utentes aceitarem bem a utilização de medicamentos genéricos enquanto que apenas 46% dos farmacêuticos entende que os utentes de bom grado aceitam a sua utilização.

Os médicos e farmacêuticos entrevistados foram convidados a dar um contributo com a sua percepção sobre o conhecimento dos utentes. 43% dos considera que os seus utentes de uma forma geral têm uma percepção correcta sobre o conceito de medicamento genérico, e 62% consideram que. Na perspectiva dos farmacêuticos e técnicos de farmácia, apenas 39% dos utentes têm uma informação correcta sobre o medicamento genérico. Contudo, 96% dos utentes reconhece que os medicamentos genéricos têm custos inferiores para si e para o Serviço Nacional de Saúde.

Quando questionados sobre as atitudes do seu médico, 78% dos inquiridos afirma que o seu médico de família promove o consumo de genéricos prescrevendo-os frequentemente. Contudo, destes apenas 59,2% refere que o seu médico demonstra abertura para esclarecer as questões/dúvidas dos utentes. Em oposição 96% dos médicos refere que promove o medicamento genérico explicando ao utente o conceito correcto e esclarecendo as suas dúvidas, sendo referido por 43% destes médicos que os seus utentes lhe pedem para prescrever o melhor medicamento genérico. Apenas 14% dos medicamentos admite em certos casos prescrever, ainda que excepcionalmente, medicamentos de marca mesmo existindo alternativa no grupo de genéricos.

Quando questionados sobre outras fontes de informação os utentes referem outros profissionais de saúde como farmacêuticos (61%) e enfermeiros (25%), campanhas publicitárias (10%).

Quando questionados sobre a aceitação da substituição de medicamentos de marca por um medicamento genérico apenas 64% dos utentes refere que aceita. No entanto, a aceitação sobe (72,4%) quando a substituição envolve um medicamento genérico por outro medicamento genérico. Contudo, 71% dos médicos e 74% dos farmacêuticos/técnicos de farmácia afirma que há mais renitência por parte da população mais idosa e 88% dos médicos e 84% dos farmacêuticos/técnicos de farmácia constata uma maior receptividade dos mais jovens.

No que respeita ao aconselhamento da substituição de um medicamento de marca por um genérico 61,6% dos utentes refere que o seu médico de família a recomenda, sendo em 95% dessas recomendações referido que o medicamento genérico ser equivalente ao de marca, sendo unicamente diferente o preço que é substancialmente mais baixo. Contudo, 26% dos utentes assume que quando o seu médico quando prescreve um medicamento de marca informa que esse não deve permitir a sua substituição usando como argumento o facto de que o medicamento de marca é melhor. 30% dos médicos admitem que nos casos em que prescreve medicamentos de marca se pudesse não autorizaria a substituição.

No caso das farmácias apenas 59,6% dos inquiridos refere que houve esse aconselhamento, sendo usado o mesmo argumento. Em oposição 89% dos farmacêuticos entrevistados refere que promove essa substituição. O aconselhamento para substituição de um medicamento genérico por um outro genérico nas farmácias é apenas referido por 129 utentes (51,6% o total de entrevistados). Destes, 18,6% alega que o argumento usado é o facto de ser mais barato; 9,3% o facto de alegadamente "ser um genérico melhor" e 72,1% justificam a substituição argumento o facto do medicamento prescrito não estar em stock. Em oposição 45% os farmacêuticos/técnicos de farmácia referem promover a substituição de medicamentos genéricos por outro de menor preço.

Discussão

A informação sobre o conceito de medicamento genérico ainda não é bem conhecida pelos utentes pois apenas 62% da amostra de utentes os definiu corretamente. A percepção dos médicos e farmacêuticos foi ao encontro desse resultado, verificando-se a necessidade de reforçar esse conhecimento. Contudo, esses resultados são superiores a outros estudos de avaliação, como são exemplo os trabalhos de Thomas e Vitry¹⁵ no qual 32,5% dos cidadãos da Malásia afirmaram que conheciam o que eram os medicamentos genéricos; por Babar et al¹⁶ num estudo realizado em Auckland, no qual 51% dos inquiridos conheciam o termo e também em um estudo realizado em Itália por Mattioli et al¹⁷ onde o conhecimento e utilização de genéricos ocorrem num total de 59% dos entrevistados.

Diferenças no conhecimento entre grupos (idade, região de residencia, grau de escolaridade), o que sugere uma associação positiva entre o conhecimento e o maior nível de educação e uma associação negativa nos casos da população mais idosa e residente em zonas mais rurais. Contudo esta última discrepância pode estar relacionada como facto de nas zonais mais interiores a população ter menor nível de escolaridade e literacia em saúde.

Quanto à divulgação e promoção do medicamento genérico no fundo esta é realizada por profissionais de saúde e uma pequena percentagem dos utentes (10%) refere meios como a publicidade. Este facto vem alertar para a falta de aposta em campanhas televisivas e outros meios de comunicação como a internet. Estes resultados são contrários aos obtidos por Himmel et al.¹⁸ num estudo realizado na Alemanha, no qual mais de 49,3% dos entrevistados consideraram os meios de comunicação (tv e internet) como principal fonte de informação e apenas 18% refere que são os médicos. Experiências deste nível foram já realizados em outros países da união europeia¹⁹ onde se concluiu que a internet é um dos melhores meios para passar essa informação. De acordo com os resultados deste estudo os utentes reconhecem a eficácia, segurança e qualidade associada ao menor custo dos medicamentos genéricos, pelo que seria interessante nas mensagens a transmitir por estes meios destacar mais estas duas componentes.

A aceitação da substituição é melhor ou pior sucedida tendo por base diferentes questões: por um lado conclui-se que os utentes mais velhos são mais renitentes quando comparado com os mais jovens o que vai ao encontro dos resultados do estudo realizado por Allenet e Barry²⁰ e ainda como refere a literatura pelo facto de os utentes relacionarem os preços mais baixos com qualidade inferior como foi concluído por Himmel et al.¹⁸. Ainda seguindo a literatura internacional o desenvolvimento económico é um fator importante que influencia a aceitabilidade da substituição de drogas^{21,22}. Como exemplo atente-se ao facto da quota em Portugal ter começado a crescer no ano 2012 em plena crise económico-financeira.

Os resultados obtidos demonstram que existe uma certa influencia dos médicos e dos farmaceuticos/tecnicos de farmácia na opção do utente em optar por medicamentos genéricos, o que vai ao encontro da literatura nacional numa análise realizada por Barros e Nunes²³ que destaca a confiança entre profissionais e utentes uma boa base para a expansão do mercado do medicamento de genéricos e literatura internacional com base nos estudos realizados por Aggeliki et al.²⁴ e por Labiris et al.²⁵, Garcia et al.²⁶ e Vallès et al.²⁷, que concluem que a informação transmitida pelos profissionais médicos como principal fator promotor da adesão dos utentes ao medicamento genérico.

Os resultados mostraram que os médicos ainda têm maior influência na aceitação dos pacientes. Por isso, as medidas de prescrição (como a obrigatoriedade da prescrição eletrónica), a limitação do preço máximo para o primeiro genérico introduzido no mercado como 60% da marca produto com substância activa semelhante, a facilitação de processos administrativos e legais que abrandavam a entrada no mercado de novos medicamentos genéricos, o cumprimento das best practies e o controlo/monitorização da prescrição por cada medico prescriptor implementadas pelo memorando de entendimento foram um grande contributo para a promoção do mercado de medicamentos genéricos

em Portugal. No entanto um dos grandes obstáculos foi durante muitos anos a influência da indústria que no mercado de genéricos não motiva da mesma forma como os apresentados por Teixeira²⁷ entre os quais se destaca o patrocínio de congressos e outras formações e ainda como descreve Loyola²⁸ a forte publicidade associada medicamentos de marca e o fato dos seus nomes comerciais estarem associados a determinadas patologias.

No presente estudo também se verificou que ao nível das farmácias poderia ser mais usual a prática de aconselhamento da substituição de um medicamento de marca por um genérico e ainda verificou-se não ser prática muito comum a substituição de um medicamento genérico por outro mais barato ocorreu apenas em 24 casos. As demais trocas foram baseadas em outros argumentos como a disponibilidade (93 casos) e o facto de serem melhores (12 casos). Estes resultados apontam para o facto de se ter ainda que rever uma forma mais adequada além do incentivo financeiro dado em 2017 para incentivar a dispensa do medicamento genérico mais barato. Num estudo realizado em Espanha por Vallès et al.²⁷, verificou-se que 98,8% dos utentes aceitaram trocar os medicamentos de marca por genéricos após terem recebido informações sobre os genéricos. A comparação de resultados demonstra que esta é uma área que necessita de ser trabalhada junto dos utentes através do reforço de conhecimentos sobre o medicamento genérico no momento da opção, isto é, no ato da dispensa.

As principais limitações deste estudo dizem respeito ao facto das entrevistas terem ocorrido em cidades, pelo que estudos de caso em zonas mais remotas onde não existem farmácias de proximidade poderiam influenciar negativamente os resultados, devido a um menor poder da marca junto dessa população mais envelhecida e reduzida.

Considerações finais

Os objetivos deste estudo foram avaliar o conhecimento dos pacientes em maior profundidade e saiba mais sobre genéricos medicamentos e sua subutilização, bem como identificar fatores que predizem experiência e vontade de aceitar substituição. É avaliada a atitude de médicos e farmacêuticos no processo de substituição quer pela percepção dos utentes quer pelo entendimento das ações dos mesmos no decurso da sua atividade.

Embora a participação de mercado de medicamentos genéricos tenha aumentado nos últimos 8 anos o volume total da quota de mercado ainda é bem baixo quando comparado com outros países. No mesmo tempo, descobrimos que a percentagem de pacientes dispostos aceitar substituição medicina genérica é realmente alta e que pacientes e farmacêuticos pensam que as principais razões sejam a subutilização de genéricos são a falta de prescrição, informação e confiança.

Com a nova política de saúde iniciada por imposição do memorando de entendimento assinado em pleno período de austeridade foi promovida a prescrição de medicamentos genéricos, facilitado o acesso com a prescrição eletrônica e a desburocratização dos processos de entrada de novos genéricos. No entanto cada vez mais o poder de escolha centra-se no utente no momento da dispensa e um facto importante que se retira do presente estudo é que a maioria da população reconhece o conceito correto de medicamento genérico e observa-se no geral um incentivo por parte dos médicos. Contudo aqui recai a importância do papel das farmácias que deverão estar mais atentas no seu papel de informar o utente aconselhando-o convenientemente.

As políticas futuras devem ser centradas em profissionais de saúde e num processo de divulgação que abranja também outros meios de comunicação como a televisão pública, campanhas publicitárias (em locais públicos) e internet (sites do governo) que ultrapassem outras particularidades e complexidades que caracterizaram durante muitos anos o mercado farmacêutico.

Referências

1. Alfonso-Cristancho R, Andia T, Barbosa T, Watanabe J. Definition and classification of generic drugs across the world. *Applied Health Economics and Health Policy*. 2015;13(1):5-11.
2. Corrao G, Soranna D, Arfè A, Casula M, Tragni E, Merlino L, Mancina G, Catapano A. Are generic and brand-name statins clinically equivalent? Evidence from a real data-base. *European Journal of Internal Medicine*. 2014; 25(8):745-750.
3. Shah US. Regulatory strategies and lessons in the development of biosimilars. In: Wang W, Singh M editors. *Biological Drug Products: Development and Strategies*, Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2014: 367-410.
4. Nardi R, Masina M, Cioni G, Leandri P, Zuccheri P. Generic equivalent drugs use in internal and general medicine patients: distrust, confusion, lack of certainties or of knowledge? Part 2. Misconceptions, doubts and critical aspects when using generic drugs in the real world. *Ital J Med*. 2014;8(2):88-98.
5. Bate R, Jin GZ, Mathur A. Does price reveal poor-quality drugs? Evidence from 17 countries. *J Health Econ*. 2011;30(6):1150-63.
6. World Health Organisation. *The World health report 2010: health systems financing: the path to universal coverage*. Geneva, 2010.
7. Ministério da Saúde (Portugal). Decreto-Lei n.º 81/90. Regula a produção, autorização de introdução no mercado e distribuição de medicamentos genéricos. *Diário da República*. 1ª série – Nº 59 – 12 de março de 1990.
8. Portugal. Memorandum of understanding on specific economic policy conditionality. 2011 [consultado 2019 abril 20]. Disponível em: http://ec.europa.eu/economy_finance/eu_borrower/mou/2011-05-18-mou_portugal_en.pdf.

9. INE. Statistics of Portugal. National Health Account 2000–2011(Portuguese).Lisbon, 2012. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=133582105&DESTAQUESmodo=2INE.
10. INE. Statistics of Portugal. National Health Account 2011–2015(Portuguese).Lisbon, 2016. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=249945526&DESTAQUESmodo=2
11. Barros P, Health policy reform in tough times: the case of Portugal. *Health Policy*. 2012; 106 (1): 17-22.
12. Administração Central dos Sistemas de Saúde (ACSS). Relatório de acesso aos cuidados de saúde. Lisboa: Ministério da Saúde, 2018
13. Quintal C, Mendes, Patricia. Underuse of generic medicines in Portugal: An empirical study on the perceptions and attitudes of patients and pharmacists. *Health Policy*. 2012; 104: 61– 68.
14. Chong C, March G, Clark A, Gilbert A, Hassali MA, Bahari MB. A nationwide study on generic medicines substitution practices of Australian community pharmacists and patient acceptance. *Health Policy*. 2011;99:139–48.
15. Thomas R, Vitry A. Consumers perception of generic medicines in community pharmacies in Malaysia. *South Med Rev*. 2009;2(2):20-3.
16. Babar Z, Stewart J, Reddy S, Alzاهر W, Vareed P, Yacoub N, et al. An evaluation of consumers' knowledge, perceptions and attitudes regarding generic medicines in Auckland. *Pharm World Sci* .2010; 32:440-8.
17. Mattioli F, Siri G, Castelli F, Puntoni M, Zuccoli M, Stimamiglio A et al. Approval rating and opinion of outpatients and general practitioners toward generic drugs: a questionnaire-based real-world study. *Patient Preference & Adherence*. 2017;11(1):1423-1433.
18. Himmel W, Simmenroth-Nayda A, Niebling W, Ledig T, Jansen RD, Kochen MM, et al. What do primary care patients think about generic drugs? *International Journal of Clinical Pharmacology and Therapeutics* 2005;43:472–9.
19. Kanavos P, Vandonos S, Irwin R, Nicode E, Casson M, et al., Medical Technology Research Group. Differences in costs of and access to pharmaceutical products in the EU. Brussels: Policy Department Economic and Scientific Policy – European Parliament, 2011.
20. Allenet B, Barry H. Opinion and behaviour of pharmacists towards the substitution of branded drugs by generic drugs: survey of 1000 French community pharmacists. *Pharmacy World & Science*. 2003;25:197–202.
21. Heikkilä R, Mäntyselkä P, Hartikainen-Herranen K, Ahonen R. Costumers' and physicians opinions of and experiences with generic substitution during the first year in Finland. *Health Policy*. 2007;82:366–74.
22. Anderson K, Sonesson C, Petzold M, Carlsten A, Lonnroth K. What are the obstacles to generic substitution? An assessment of the behaviour of prescribers, patients and pharmacies during the first year of generic substitution in Sweden. *Pharmacoepidemiology and Drug Safety*. 2005;14:341–8.

23. Barros P, Nunes L. 10 years of pharmaceutical policy in Portugal (Portuguese). Lisbon: Nova School of Business & Economics. 2011.
24. Tsaprantzi A, Kostagiolas P, Charalampos P, Aggelidis V, Niakas D. The Impact of Information on Doctors' Attitudes Toward Generic Drugs. *The Journal of Health Care Organization, Provision, and Financing*. 2015;53(1):1–8.
25. Labiris G, Fanariotis M, Kastanioti C, et al. Greek physicians' perceptions on generic drugs in the era of austerity. *Scientifica*. 2015;2015:1-9.
26. García A, Martos F, Leiva F, Sánchez De La Cuesta F. Generic drugs: good or bad? Physician's knowledge of generic drugs and prescribing habits. *Gac Sanit*. 2003;17(2):144-9.
27. Vallès J, Barreiro M, Cereza G, Ferro JJ, Martínez MJ, Cucurrull E, et al. [Acceptance of generic prescribing in general practice: effect of patient education and reference prices]. *Gac Sanit*. 2002;16(6):505-10.
28. Loyola M. Medicamentos e saúde pública em tempos de AIDS: metamorfoses de uma política dependente. *Cien Saude Colet*. 2008;13(Supl):763

Tabela 1 – Questionário aplicado

Grupo alvo	Questões aplicadas
Utentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Considera que medicamentos genéricos têm a mesma eficácia, segurança e qualidade sendo equivalentes aos medicamentos de marca? 2. Os medicamentos genéricos aportam menos custos para si? 3. O seu médico incentiva o uso de medicamentos genéricos? 4. O seu médico esclarece as suas dúvidas sobre medicamentos genéricos? 5. Aceita a substituição de um medicamento de marca por um medicamento genérico? 6. Aceita a substituição de um medicamento genérico prescrito por um outro mais barato? 7. O seu médico aconselha a substituição do medicamento de marca por um genérico? 8. O seu médico quando prescreve um medicamento de marca informa que esse não deve permitir a sua substituição? 9. Na farmácia é aconselhada a substituição dos medicamentos de marca por genéricos? 10. Na farmácia é aconselhada a substituição de medicamentos genéricos por um outro genérico mais barato? 11. Ao aconselhar a substituição os argumentos usados pelo médico baseiam-se no facto do medicamento genérico ser equivalente ao de marca, sendo unicamente diferente o preço que é substancialmente mais baixo? 12. Quando o médico prescreve medicamento de marca e não recomenda a sua substituição usa como argumento o facto de "ser melhor" que o genérico?

	<p>13. Ao aconselhar a substituição os argumentos usados na farmácia baseiam-se no facto do medicamento genérico ser equivalente ao de marca, sendo unicamente diferente o preço que é substancialmente mais baixo?</p> <p>14. Quando o farmacêutico troca um medicamento genérico por outro usa como argumento o facto de ser mais barato e equivalente?</p> <p>15. Quando o farmacêutico troca um medicamento genérico por outro usa como argumento o facto de "ser melhor"?</p>
Médicos	<p>1. Os utentes têm de forma global uma percepção correcta sobre o conceito de medicamento genérico?</p> <p>2. Os utentes na sua maioria aceitam a utilização dos medicamentos genéricos?</p> <p>3. Os utentes mais idosos são mais renitentes à substituição de um medicamento de marca por um medicamento genérico?</p> <p>4. Os utentes mais jovens são mais receptivos e aceitam a substituição?</p> <p>5. Os utentes pedem para prescrever o melhor medicamento genérico?</p> <p>6. Na sua atividade promove o medicamento genérico explicando ao utente o conceito correcto e esclarecendo as suas dúvidas?</p> <p>7. Prescreve excepcionalmente medicamentos de marca existindo alternativa (medicamento genérico)?</p> <p>8. Nos casos em que prescreve medicamentos de marca se pudesse não autorizaria a substituição?</p>
Farmacêuticos/ Técnicos de farmácia	<p>1. Os utentes têm de forma global uma percepção correcta sobre o conceito de medicamento genérico?</p> <p>2. Os utentes na sua maioria aceitam a utilização dos medicamentos genéricos?</p> <p>3. Os utentes mais idosos são mais renitentes à substituição de um medicamento de marca por um medicamento genérico?</p> <p>4. Os utentes mais jovens são mais receptivos e aceitam a substituição?</p> <p>5. Na sua atividade promove a substituição de medicamentos de marca por genéricos?</p> <p>6. Na sua atividade promove a substituição de medicamentos genéricos por outros genéricos de menor preço?</p>

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 - Caracterização da população entrevistada: utentes, médicos e farmacêuticos

	Patients		Physicians		Pharmacists	
	n	%	n	%	n	%
Idade						
30-34	12	4,8%	11	11,0%	21	21,0%
35-39	16	6,4%	14	14,0%	38	38,0%
40-44	29	11,6%	22	22,0%	17	17,0%
45-49	17	6,8%	13	13,0%	7	7,0%
50-54	21	8,4%	27	27,0%	14	14,0%

55-59	74	29,6%	5	5,0%	3	3,0%
≥ 60	81	32,4%	8	8,0%	0	0,0%
Género						
Female	162	64,8%	46	46,0%	78	78,0%
Male	88	35,2%	54	54,0%	22	22,0%
Education level						
Elementary school	41	16,4%	0	0,0%	0	0,0%
Basic	63	25,2%	0	0,0%	0	0,0%
Secondary	44	17,6%	0	0,0%	56	56,0%
Licenciatura	66	26,4%	52	52,0%	33	33,0%
Mestrado	31	12,4%	42	42,0%	8	8,0%
Doutoramento	5	2,0%	6	6,0%	3	3,0%
Anos de serviço						
1-4	-	-	0	0,0%	19	19,0%
5-9	-	-	7	7,0%	33	33,0%
10-14	-	-	18	18,0%	15	15,0%
15-19	-	-	17	17,0%	9	9,0%
20-24	-	-	18	18,0%	11	11,0%
25-29	-	-	29	29,0%	6	6,0%
≥ 30	-	-	11	11,0%	7	7,0%

Como citar: Nunes AM. Utilização de medicamentos genéricos em Portugal: conhecimento de doentes, médicos e farmacêuticos. *Saúde em Redes*. 2022; 8 (1). DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n1p131-144

Recebido em: 28/10/20

Aprovado em: 10/09/21